

RESENHA

LESSER, Jeffrey. **A invenção da brasilidade:** identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração. 1. ed. São Paulo: Ed. Unesp. 2015, 296 p.

Tsugie Kawano Oyama

Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (PR), UNICENTRO
oycarmen@msn.com

Esta obra é sobre o livro “A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração” de autoria do professor historiador Jeffrey Lesser (2015), da universidade de Emory, situada na região metropolitana de Atlanta, Georgia, Estados Unidos. Lesser, faz uma análise sobre as questões da identidade do Brasil, sobre a formação da identidade brasileira e a questão étnica no país. Utilizando as metodologias da pesquisa histórica e da etnografia antropológica, o autor faz uma análise desde o período colonial, mais especificamente em 1808, sendo da virada do século XIX ao presente momento, para que se possa ter um melhor entendimento sobre a complexidade da identidade brasileira. O título original do livro é: “*Immigration, Ethnicity and National Identity in Brazil: 1808 to the Present*”. O livro foi traduzido para a língua portuguesa por Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres e publicado pela editora Unesp.

Este livro de Lesser é voltado para um público amplo, não necessariamente familiarizado com leitores de História, fornecendo assim, informações, interpretações e abordagens que propiciam discussões tais como imigração, etnicidade, raça e identidade nacional. Segundo Lesser, a imigração, etnicidade e identidade nacional estão interligadas a ponto de serem indistinguíveis. A obra é constituída por prefácio, seis capítulos, epílogo, posfácio historiográfico e bibliografia.

O livro é resultado de uma experiência pessoal e acadêmica no Brasil, nos Estados Unidos e em outros países os quais o autor realizou pesquisas e temporadas dedicadas a cursos, seminários e orientação de alunos. Nos longos períodos que vem passando no Brasil, aprendeu a apreciar e valorizar as diferentes formas culturais, tanto de elite quanto populares, de pensar os temas da imigração e da identidade nacional, o que tem sido muito proveitoso para o seu trabalho, tanto nos Estados Unidos como no Brasil.

Ao associar imigração, etnicidade e identidade nacional, o livro fornece um melhor entendimento desde o passado até o momento atual do Brasil. A ideia do livro é pensar sobre o Brasil, a brasilidade, sobre os brasileiros e também sobre o Brasil no contexto das Américas.

Para o autor, a identidade e a etnicidade são sempre construções históricas, e não heranças recebidas como parte de algum tipo de essência cultural ou biológica. Diante das palavras do título “identidade nacional”, “eticidade” e “imigração”, a definição tradicional de imigração refere-se ao processo pelo qual as pessoas se transferem em caráter permanente de um Estado-nação para outro. Para Lesser, o uso geral da palavra imigração, é mais amplo, pois no Brasil muitos cidadãos são definidos popularmente por alemães, árabes, japoneses, polacos, mesmo que sua família esteja no Brasil há gerações. Para tanto, o autor trata a imigração como uma mobilidade que é tanto física quanto de identidade nacional.

A outra palavra do título que é a etnicidade, foi utilizada no século XIX por intelectuais e políticos para descrever possíveis imigrantes vindos de diferentes regiões da China. Porém, certos aspectos do significado da palavra etnicidade se alteraram com o tempo. No século XX, o termo etnicidade era usado para descrever brasileiros que tinham interesse em preservar suas origens culturais por meio da língua, da comida, da organização comunitária e da religião.

No Brasil, essa interação entre imigração e etnicidade, leva ao terceiro termo do título desse livro, que é a identidade nacional. O autor demonstra como a identidade nacional é dinamicamente construída. O conceito de identidade nacional só começou a ganhar força no século XIX, quando surgiu a noção de nação. O nível de identidade nacional de um indivíduo depende de sua maior ou menor participação à cultura que o envolve.

Segundo Lesser, os imigrantes e seus descendentes se beneficiaram ao abraçar tanto a imigração de uma nacionalidade brasileira uniforme quanto suas novas etnicidades pós-migratória. Eles tiveram o direito de utilizar os símbolos nacionais múltiplos, mutáveis e muitas

vezes contraditórias. Assim, ao estabelecer um diálogo entre imigração, etnicidade identidade nacional ao longo do tempo, do espaço e entre grupos, o autor questiona de que forma a brasilidade é construída. Para o autor, nunca houve uma brasilidade única ou estática, pois a identidade brasileira modifica conforme determinadas circunstâncias, ou seja, conforme o que é considerado padrão para ser um cidadão brasileiro, sendo uma delas, a ideologia do branqueamento.

No decorrer dos três primeiros capítulos, o autor informa que desde meados do século XIX, o mundo da migração, da etnicidade e da identidade nacional pode ser visto em cidades grandes e pequenas de todo o Brasil, desde Porto Alegre, no Sul do país, até Belém, na foz do Amazonas. Que a imigração é tão importante para a identidade nacional brasileira que até pessoas não nascidas no exterior às vezes são definidas como imigrantes. O autor argumenta que mesmo antes da independência do Brasil, a imigração contribuiu de forma crucial para a construção do Estado Nacional, na questão da economia, na cultura, na religião, e no crescimento populacional com a chegada de imigrantes escravos ou imigrantes livres.

Muitos brasileiros entendem o termo imigrante como uma condição ancestral ou herdada, que permaneceu mesmo entre os nascidos no país após várias gerações. Assim, para o autor, no Brasil, ser imigrante não se limita ao fato de ter sido nascido em outro país.

Imigrantes e imigração, segundo o autor, abrangem tanto a chegada de estrangeiros como a crença de que seus descendentes sempre vêm aperfeiçoando a sua identidade nacional. A ideia de imigração ajudou as elites brasileiras a imaginarem um futuro melhor que o presente.

Lesser afirma que a “raça brasileira” é constituída por africanos, índios, europeus, asiáticos e etnias do Oriente Médio. O Brasil possui muitos imigrantes e descendentes de imigrantes. Uma sociedade pluriativa, mas com uma hierarquia racial que colocava os europeus brancos no topo.

O autor informa que, o término do tráfico de escravos se deu em 1850. Porém, a abolição se deu por completo apenas em 1888. Assim, a escravatura foi substituída por trabalho dos imigrantes europeus nas décadas finais do século XIX, com a chegada de milhões de imigrantes ao Brasil. Para parte da elite brasileira, os alemães pareciam ser os imigrantes ideais pois eram brancos e agricultores. Porém, os alemães não aceitavam ser maltratados. Como todos os imigrantes, trouxeram com eles, aspectos de sua cultura muito distintas aos das elites brasileiras.

Com a escassez da mão de obra, devido ao fim da escravidão, desesperados, a elite passou a encarar de outro modo o impacto causado pelos imigrantes, resultando em mudanças significativas na identidade nacional brasileira.

O Brasil desenvolveu políticas de imigração incentivando a entrada da população europeia (o branqueamento), especialmente alemã, italiana, espanhola e portuguesa. Porém, em função de vários fatores políticos e trabalhistas, também passou a ser liberada a entrada de japoneses, etnias do Oriente Médio, entre outros grupos, ao longo do século XX.

Nos últimos três capítulos, o autor analisa a imigração europeia, árabe, judia e japonesa, e as restrições à imigração de afro-americanos, chineses e indianos. Assim, para Lesser, no Brasil, como também em outros países, as novas identidades nacionais eram apenas uma das características que as pessoas definiam de si próprias, juntamente com região, classe, religião e gênero. Os imigrantes brasileiros, até mesmo os europeus, não escapam da discriminação social, cultural e racial.

O autor lamenta a competição existente entre grupos de imigrantes. Onde, a ítalo-brasileira, como as demais identidades euro-brasileira, geralmente depreciavam os afro-brasileiros. Os italianos também atacavam os imigrantes japoneses, chamando-os de “o perigo amarelo”.

Segundo Lesser, essa relação entre imigração e branquidão se alterou ao longo do tempo. Pois os políticos, proprietários de terras, esperavam que os imigrantes espanhóis, italianos e portugueses permitissem uma transição fácil entre o trabalho escravo e o trabalho assalariado, e entre a população de origem africana e a europeizada, porém, isso não ocorreu. Pois ao serem maltratados na fazenda, eles passavam a ser menos produtivos, diferente do que ocorriam com os escravos, os quais eram mais obedientes.

O autor faz uma crítica aos estudiosos da imigração pois equivocadamente, imaginam que os árabes, judeus e japoneses, são comunidades mais fechadas, sendo assim, não compatível com a identidade nacional brasileira. Por essas e outras razões, os consideram como não brasileiros, já os italianos, espanhóis e portugueses são considerados automaticamente brasileiros.

Muitos setores do governo e das classes dominantes estavam interessados em mudar a identidade nacional brasileira a partir de dentro, porém mantendo as hierarquias raciais. A Constituição de 1934, refletiu assim, essa xenofobia que havia se disseminado por todo o Brasil

urbano. Para alguns setores das elites a Constituição de 1934 não era suficiente, tanto que em 1937, o presidente Getúlio Vargas instaurou um regime autoritário conhecido como Estado Novo, com o pretexto de que imigrantes e forças estrangeiras com base no exterior vinham planejando dominar o Brasil, assim, nesse mesmo ano, uma ordem secreta proibiu a entrada dos semitas no país. O regime Vargas criou também a campanha da brasilidade, que buscava integrar os imigrantes à vida nacional. Pouco após o término da Segunda Guerra Mundial, Vargas foi deposto, por um golpe militar. Diante disso, a democracia voltou e muitas das leis contrárias aos estrangeiros foram revogadas. Para tanto, nos capítulos 5 e 6, Lesser faz uma análise sobre a política migratória durante a Era Vargas e o período do pós-Segunda Guerra Mundial.

Em relação aos imigrantes japoneses, estes foram vistos tais como: tranquilos, trabalhadores e ansiosos por se tornarem brasileiros. Porém, como foi comentado por Jeffrey Lesser repetidamente neste livro, os imigrantes raramente atendiam às expectativas e exigências irrealistas das elites, principalmente se maltratados, e com os japoneses não foi diferente. Apesar dos japoneses terem sofridos como todos os outros imigrantes, eles contavam com um forte apoio do governo de seu país, diferente do que ocorreu com a maioria de outros imigrantes. Quando trabalhadores italianos, espanhóis ou portugueses eram maltratados, o máximo que seus governos podiam fazer era proibir novas saídas subsidiadas.

Para o autor, a brasilidade foi construída a partir de índios e imigrantes negros, europeus asiáticos, entre outros. Assim, o autor apresentou as lutas dos imigrantes para se inserirem e negociarem suas identidades no contexto nacional. Essa luta foi desde a mistura racial entre os imigrantes, com os imigrantes ou seus descendentes, como também por se converterem para a religião católica. Era uma demonstração de assimilação, de demonstrar a capacidade de se tornarem brasileiros.

Concluindo, o livro fala sobre o Brasil, a brasilidade, no contexto das Américas. Que apesar do Brasil e dos Estados Unidos se acharem distintos em relação aos outros países Latino-Americanos, Lesser, assim como os outros pesquisadores, o enxergaram com muita semelhança. O autor apresenta uma análise desde o início da chegada dos imigrantes, até o presente momento, de forma clara. Ele faz uma análise sobre a formação da identidade brasileira e a questão étnica no país, e conclui que as identidades não são fixas, que para os imigrantes alcançarem tais identidades brasileiras, foi necessário que assimilassem a cultura deste país.

Para tanto, a obra do historiador e professor Jeffrey Lesser, contribui para quem pretende adquirir um entendimento sobre a formação da identidade brasileira, estando presentes a questão da imigração, da etnicidade, da raça e da discriminação.

Enviado 10/04/2019
Aceito 19/05/2019